
Notas Bibliográficas

ARNOULD, Jacques: *Dieu, le singe et le big bang: Quelques défis lancés aux chrétiens par la science*. Paris: Cerf, 2000. 154 pp. 21,5 x 13,5 cm. ISBN 2-204-06401-7.

O autor é um teólogo da ordem dominicana que tem também uma formação científica de engenheiro agrônomo e doutorado em história das ciências. Escreve na busca de um diálogo entre fé e ciência moderna. No centro de suas reflexões está a questão da tensão evolucionismo e criacionismo.

Discute sobretudo tendo em vista os criacionistas de tendência fundamentalista que ainda mantêm a imagem do mundo à base de uma leitura literal da criação segundo o livro do Gênesis. Trata também em profundidade a questão do acaso em tensão com uma leitura finalista da evolução.

Pretende ajudar o cristão a superar seus medos por meio de uma compreensão melhor do desafio das teorias da evolução em consonância com a fé e esperança cristãs. Parte da controvérsia em torno às teorias de Ch. Darwin, recordando cenas do passado, tanto da vida pessoal de Darwin, como da polêmica entre darwinistas e o bispo anglicano S. Wilberforce com toques pinturescos na segunda metade do século XIX em Oxford. Assinala as reações cristãs contra as teorias de Darwin, seja na época, como até hoje nos EE. UU. da parte de instituições que defendem o criacionismo rígido.

Detém-se na questão do mundo e sua evolução, em diálogo com cientistas, filósofos e teólogos. A tradição filosófica e teológica do Ocidente teve e ainda tem muita dificuldade de confrontar-se com uma compreensão evolutiva do mundo, da vida, do homem. O autor recorre freqüentemente a Teilhard de Chardin, como pioneiro entre os cristãos em adotar o pensamento evolutivo.

Afasta-se, porém, dum pensamento finalista. Diz claramente sua tese: “parece-me impossível pretender discernir no seio da evolução do ser vivo, tal como as ciências nos permitem hoje perceber, isto é, compreender, a existência de um determinismo, de um sentido, de uma finalidade. Pelo menos numa escala global e *a priori*”. Nesse ponto, remete-se a J. Monod (*O acaso e a necessidade*). Apela ao princípio de objetividade, como postulado indemonstrável no nível da exigência metodológica. Este postulado soa: “recusa sistemática de considerar como podendo conduzir a um conhecimento ‘verdadeiro’ toda interpretação dos fenômenos dada em termos de causalidades finais, isto é, de ‘projeto’”. Não significa a rejeição total da finalidade, mas restringindo-a a curto termo.

O A. dedica boas páginas à história do criacionismo até suas formas atuais sobretudo nos EE. UU. de caráter extremamente radical. Explicita-lhe a atitude concordista diante dos fenômenos científicos e as afirmações da Escritura. Na Europa, tais movimentos criacionistas são mais limitados. Debate que existe também no judaísmo e islamismo. O A. distingue os planos da ciência e da

fé, apontando para os mal-entendidos de ambas as partes. Dedicava um excursus ao santo sudário de Turim.

Num capítulo, talvez o mais interessante do livro, dedicado ao ponto ômega e à fascinação cósmica, tem uma consideração bem elaborada sobre o acaso, a coincidência, a contingência onde se distancia um pouco da ortogênese, defendida por Teilhard. Um pequeno toque escatológico e um olhar cristão otimista fecha o livro.

Na verdade, não há muita novidade. Explicita posições já conhecidas e aceitas no mundo teológico. No entanto, esclarece bem esses pontos. O livro nem sempre é bem estruturado e ordenado. Falta uma maior clareza e organicidade na condução do assunto. Aborda o tema com muito respeito da tradição, evitando chocar o leitor mais tradicional, apesar de assumir posições ventiladas.

JBL